



**Universidade de São Paulo**

**Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI**

---

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Comunicações em Eventos - MAC

---

2014-10

# Nos bastidores das montagens: a emergência da arte contemporânea no MAC USP

---

Congresso Internacional em Artes, Novas Tecnologias e Comunicações, 2014, Campo Grande, 13-15 out. 2014

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/46438>

*Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo*



# NOS BASTIDORES DAS MONTAGENS A EMERGÊNCIA DA ARTE CONTEMPORÂNEA NO MAC USP

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA

Doutora em Artes Visuais  
Escola de Comunicações e Artes  
Universidade de São Paulo



# CIAANTEC'14

congresso  
internacional  
em artes  
novas tecnologias  
e comunicação

**Capa**  
**Editorial**  
**Sumário**

Página - 10

Alecsandra Matias de Oliveira



*MAC USP Ibirapuera, 2013 | Fotografia: Elaine Maziero*

“A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo”. Eduardo Galeano.

Quando o público toma o espaço expositivo não existem mais os indícios da montagem: os painéis já foram erguidos; a tinta secou; as obras estão em seus devidos lugares; a iluminação e a climatização estão adequadamente instaladas; os textos e as

etiquetas foram revisados e aplicados; a movimentação de montadores, de produtores, de curadores e de conservadores ficou na memória daqueles que participaram do processo. Tudo disponível para que o visitante possa ter uma experiência junto às obras de arte.

É incomum a permanência de público durante o desenvolvimento e a montagem de exposições. Isto porque naquele “universo controlado”, cada qual tem sua função, previamente estabelecida; as ações são programadas e envolvem risco às obras e ao público não habituado àquele ambiente, além disso, há um cronograma que rege a vida de todos os profissionais envolvidos naquele tra-





# CIAANTEC'14

congresso  
internacional  
em artes  
novas tecnologias  
e comunicação

**Capa**  
**Editorial**  
**Sumário**

Alecsandra Matias de Oliveira

balho. Atrasos e imprevistos existem, mas não são bem vindos, especialmente os provocados por agentes externos à ação. Porém, mesmo frente a todas as adversidades, o mistério que envolve os bastidores dos museus e, aqui, particularmente o museu de arte contemporânea instiga a curiosidade dos que não têm a oportunidade de presenciar essa atividade: quem nunca tentou observar a movimentação que ocorre depois de uma fita de isolamento? Diante de uma placa escrita “exposição em preparo”? Agora, imagine sua reação frente à montagem de um museu inteiro!

Em 2012, o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) recebeu o edifício do Palácio da Agricultura, onde funcionava o Departamento Estadual de Trânsito de São Paulo (DETRAN). Na verdade, as tratativas para a ocupação daquele lugar pela arte já era algo discutido desde 2005 – o intervalo entre esses anos se deu pelas idas e vindas de projetos artísticos, arquitetônicos e políticos que chegaram a um denominador comum somente em 2012. Àquela época, as reformas e adaptações do edifício estavam em estágio final. Era preciso ocupar!

A primeira ideia foi colocar peças tridimensionais no térreo do edifício – origem da curadoria da mostra O Tridimensional no Acervo do MAC USP: Uma Antologia. Era uma leitura, a partir de 18 peças, sobre as transformações estéticas, dos materiais e das grandes questões que cercam o conceito de tridimensional pós-II Guerra Mundial, envolvendo artistas nacionais e internacionais que marcaram a História da Arte. Contudo, as dificuldades não eram

poucas. O prédio tinha os resquícios da recente reforma: muita poeira, restos de construções, sem acesso a rede telefônica ou de internet e ainda com os andares superiores não completamente finalizados. Mesmo assim, a curadoria, a equipe de produção e a de conservação resolveram os problemas. Plantas e experimentações no desenvolvimento da sinalização (particularmente, a partir de uma etiqueta fixada no chão que poderia ser branca ou preta de acordo com o piso de instalação) marcaram a resolução dos conflitos. Do lado de fora, os poucos operários, que restavam da reforma e que realizavam pequenos trabalhos, olhavam curiosos a entrada daquelas caixas de madeira que traziam peças de bronze, ferro retorcido, inox e tecido. A cada abertura das caixas, um “novo mundo” emergia para os operários e, também, para os montadores da mostra. A exposição ficou disponível ao público no dia 28 de janeiro e dava o ritmo do que seria a ocupação ao longo dos anos de 2012 e 2013. Ainda restavam 8 andares e um edifício anexo para que o MAC USP estivesse pleno com seu acervo no Parque Ibirapuera (São Paulo/SP).





# CIAANTEC'14

congresso  
internacional  
em artes  
novas tecnologias  
e comunicação

**Capa**  
**Editorial**  
**Sumário**

Página - 12

Alecsandra Matias de Oliveira



*Montagem da Exposição O Tridimensional no Acervo MAC USP: Uma Antologia – térreo do MAC USP Ibirapuera, 2012.*

O térreo não era propriamente um espaço expositivo. No projeto inicial do novo museu, o térreo seria um lugar de distribuição e encontro do público – algo mais livre, sem painéis ou

paredes museográficas. Porém, foi um desafio vencido. As obras tomaram o espaço de forma integrada. A frequência de público se deu de modo tímido, afinal, era a reforma do prédio o que atraía mais. Nos bastidores, pairava a seguinte indagação: como um lugar marcado pela burocracia estatal seria ressignificado no espaço urbano? E, note que não era qualquer local da cidade – era o Parque Ibirapuera, dotado de diversos aparelhos culturais e de





# CIANTEC'14

congresso  
internacional  
em artes  
novas tecnologias  
e comunicação

**Capa**  
**Editorial**  
**Sumário**

Alecsandra Matias de Oliveira

lazer para a população!?

Com três sedes, o MAC USP precisava se organizar administrativamente e economicamente para o processo de ocupação do edifício por completo. O que selecionar e mostrar a partir de cerca de 10 mil peças? Qual seria a programação? Como seria a estratégia de transporte e seguro das obras que estavam na Cidade Universitária e deveriam ser deslocadas para a nova sede? Quais esquemas de produção, conservação e de montagem deveriam ser adotados? Além dessas decisões, era premente assegurar sistemas de eletricidade, climatização e internet ao novo edifício. Eram muitas ações que deveriam ser desenvolvidas antes da continuidade da ocupação. Convém lembrar que até aquele momento, a equipe desdobrava-se entre as sedes (MAC USP Ibirapuera – 3º andar do Pavilhão Ciccillo Matarazzo, Parque Ibirapuera – MAC USP Cidade Universitária e MAC USP Anexo – ambos no campus). Todas as sedes com exposições e eventos ininterruptos.

No início de 2013, duas exposições marcaram a definitiva ocupação: MAC 50: Doações Recentes I e II. Eram mostras que deram início às comemorações dos 50 anos de fundação do MAC USP e, ao mesmo tempo, revigoravam o acervo do Museu, uma vez que eram doações de obras importantes de artistas que representavam o cenário atual das artes visuais no Brasil. As peças espalharam-se pelo térreo e mezanino do prédio principal. Eram grandes, pequenas e subversivas, tal como a arte contemporânea sempre se apresenta. Os materiais eram diversificados (madeira,

papel, alumínio, tecido, ferro, bronze – tudo junto). Esquemas de montagens, plantas e adaptações às condições prediais precisavam se alinhar. As propostas partiam da contemplação para a interação com o público. Naquele momento, a estrela ainda era o edifício com traços de Oscar Niemeyer e suas dimensões espetaculares. Térreo e mezanino já estavam disponíveis. O público não tinha acesso aos andares-padrões e ao 8º andar – local de uma vista panorâmica sem igual na cidade de São Paulo. Nos bastidores a equipe do MAC USP vislumbrava que não seria fácil domar aquele gigantesco “cubo branco”.







# CIAANTEC'14

congresso  
internacional  
em artes  
novas tecnologias  
e comunicação

**Capa**

**Editorial**

**Sumário**

Página - 14

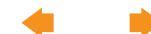
Alecsandra Matias de Oliveira



*Montagem da Exposição MAC 50 Anos Doações Recentes, térreo e mezanino no MAC USP Ibirapuera, fevereiro, 2013.*

Em seguida, o desafio partia do anexo do MAC USP: um piso inferior com generoso pé direito, contrastando com um me-

zanino igualmente difícil por ser estreito e de teto rebaixado. Não seriam quaisquer propostas que integrariam aqueles dois espaços. O MAC USP selecionou as proposições de Mauro Restiffe e Carlito Carvalhosa. Eram projetos grandes! Foram cerca de 30 meses entre a proposição dos projetos e a realização da montagem de cada mostra. Mauro fotografou a readequação do edifício





# CIANTEC'14

congresso  
internacional  
em artes  
novas tecnologias  
e comunicação

**Capa**  
**Editorial**  
**Sumário**

Página - 15

do antigo DETRAN em Museu. A construção civil foi registrada em 15 fotografias de grandes dimensões, em preto e branco, e que ocuparam o mezanino do anexo. A mostra chamou-se OBRA. Mauro Restiffe. Já Carlito Carvalhosa, entrou no piso inferior do anexo com uma grande equipe de montadores, empilhadeiras, roldanas e enormes toras de madeiras (na verdade, postes de rede elétrica reciclados). Por dois meses, o espaço tornou-se um canteiro de obras – semelhante a construção civil. O conjunto composto por movimentação e materiais erigiu a instalação Sala de Espera. Carlito Carvalhosa. O público percorria os caminhos permitidos – e não tão cômodos – formados pelos postes. Porém, não sabia que por trás do lúdico havia uma extensa rede de profissionais envolvidos em cálculos estruturais, desenhos arquitetônicos, esquemas de segurança, projetos de iluminação e inspiração artística. Hoje, o espaço anexo continua seguindo a fórmula de obras extremamente contemporâneas e com intensa interação entre obra e público. Atualmente, Cenários. Vânia Mignone (mezanino) e Transarquitetônica de Henrique Oliveira (piso inferior) vêm impressionando público e crítica com

Alecsandra Matias de Oliveira

questões estéticas que levantam o que naquele espaço parece ser seu destino: a exibição de obras contemporâneas que necessitam da relação direta espaço-obra-público.



*Montagem da Exposição OBRA. Mauro Restiffe, MAC USP Ibirapuera (anexo), março, 2013.*







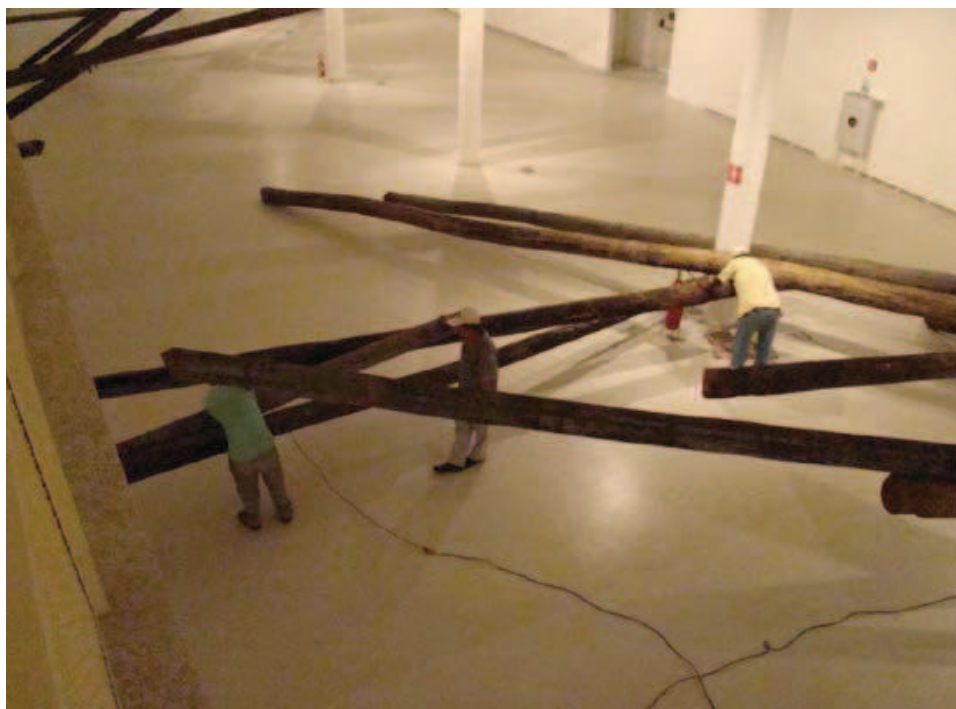
# CIAANTEC'14

congresso  
internacional  
em artes  
novas tecnologias  
e comunicação

**Capa**  
**Editorial**  
**Sumário**

Página - 16

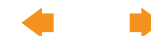
Alecsandra Matias de Oliveira



*Montagem da Exposição Sala de Espera. Carlito Carvalhosa, MAC USP Ibirapuera (anexo), março, 2013*

É necessário dizer que o grande desafio ainda não era o espaço anexo. Era, sim, o primeiro andar-padrão a ser ocupado! Esse andar era dividido em duas Alas A e B, assim como os 6 restantes.

O escolhido foi o sétimo andar. Na Ala A, uma exposição coletiva e na Ala B, uma individual de um artista expressivo do Acervo. Nessas duas montagens, o espaço colocava suas dificuldades. O pé direito era baixo e as paredes não poderiam ser utilizadas de modo museográfico. Além disso, saídas de ar, colunas e aparelhos de segurança se impunham de modo nada discreto. Como fazer com que as obras pudessem ocupar o espaço central com tantas inter-





congresso  
internacional  
em artes  
novas tecnologias  
e comunicação

**Capa**  
**Editorial**  
**Sumário**

Página - 17

## CIAANTEC'14

venções prediais e, mais ainda como expor o Acervo MAC USP de forma renovada para o novo público que se formava desde 2012?

Em abril de 2013, abriam-se as mostras Di Humanista e o Agora, o Antes: Uma Síntese do Acervo MAC. Di Humanista trazia 67 obras de Emiliano Di Cavalcanti. As temáticas abordadas pelo artista eram tratadas com sensibilidade e tonalidades gradativas – cores nos painéis indicavam cada nucleação. Como muitas obras eram desenhos e aquarelas, com suporte em papel, a iluminação da mostra foi reduzida (uma medida de conservação, mas que proporciona um ar intimista à exposição). A disposição das obras demonstrava único o objetivo: mostrar a preocupação de Di com a paisagem social do país, especialmente os tipos populares, os pescadores, os trabalhadores, os homens e as mulheres. Vale aqui um esclarecimento: as mostras monográficas que foram adotadas sempre na Ala B de cada andar tomavam como respaldo a quantidade de obras que o artista teria no Acervo – no caso específico de Di Cavalcanti, sua representatividade era calcada na presença de 500 desenhos do artista. Esse critério se repetiu para a eleição das mostras José Antonio da Silva em dois tempos; Os Volpis do MAC; Julio Plaza Indústria Poética; León Ferrari: Lembranças de Meu Pai; Hudinilson Junior: Em torno de Narciso e Rafael França: entre Mídias, exceto as duas últimas, todas inauguradas ao longo de 2013.

Alecsandra Matias de Oliveira



*Montagem da Exposição Di Humanista, MAC USP Ibirapuera, 7º. andar, Ala B, abril, 2013*

Já o Agora, o Antes: uma síntese do Acervo MAC trazia 85 obras pertencentes ao Museu e a missão de proporcionar ao público um demonstrativo do que era ser um museu moderno, contemporâneo e universitário. A curadoria optou por fazer uma revisão crítica dos gêneros tradicionais da arte (alegoria, retrato, paisagem e natureza-morta), evidenciando a convivência em um mesmo espaço de objetos ou registros de ações originados em tempos e lugares distintos. A inauguração desta primeira mostra temática foi





# CIAANTEC'14

congresso  
internacional  
em artes  
novas tecnologias  
e comunicação

**Capa**  
**Editorial**  
**Sumário**

Página - 18

Alecsandra Matias de Oliveira

acompanhada pela abertura do 8º. andar ao público – a vista panorâmica completava a magnitude do edifício localizado no Parque Ibirapuera. Ali, hoje, está também a exposição Pintura como Meio: 30 Anos Depois – no espaço, onde originalmente foi projetado para o restaurante. Foi também durante a montagem de o Agora, o Antes que a equipe MAC USP observou as especificidades que o edifício colocava para o abrigo da arte moderna e contemporânea e, principalmente pôde conhecer o processo de produção e conservação que iria orientar as demais montagens.



*Montagem da Exposição o Agora, o Antes: Uma Síntese do Acervo MAC, 7º. andar, Ala A, abril, 2013.*

Nesse ponto, torna-se relevante lançar olhos sobre o processo de produção de mostras de arte. Inicialmente, o trabalho parte do conceito curatorial e da lista de obras que pode sofrer pequenas modificações ao longo da cadeia de produção (esta somente pode ser considerada como definitiva a partir da fixação das obras nos seus lugares). O conceito curatorial e a lista de obras delineiam a base do projeto museográfico (ou desenho expográfico). No momento da elaboração deste projeto, curador e museógrafo estabelecem as relações estéticas e espaciais existentes entre as obras selecionadas; escolhem-se cores, tipo de iluminações, de suportes (molduras, bases, totens, painéis e outros módulos necessários para a exibição das obras) e, compõem-se, ainda, toda a comunicação visual da mostra (etiquetas, títulos, verbetes, plogagens, entre outros artificios). Aprovado projeto museográfico, a produção encarrega-se de planejar e indicar as necessidades de compra e contratação de serviços e de produtos para a ação efetiva da montagem. Toda essa operação pode durar semanas porque depende de aprovações, orçamentos, processos administrativos e variadas atividades ligadas à preparação e à conservação das peças.

A ação efetiva de montagem de espaço se dá em três momentos: construção e preparação do espaço expositivo (erguem-se os painéis, confeccionam-se bases e molduras, aplica-se a pintura necessária e há uma intensa limpeza do ambiente), montagem das obras (ou seja, fixação das obras em painéis e/ou paredes e ba-





congresso  
internacional  
em artes  
novas tecnologias  
e comunicação

# CIANTEC'14

ses) e, por fim, uma “montagem fina” (destinada aos últimos preparativos ligados às obras mais difíceis e à aplicação de etiquetas, títulos, textos, além de tudo o que corresponder à comunicação visual). Esses três processos que envolvem a “montagem” correm ao longo de uma ou duas semanas dependendo da complexidade da mostra. Todos esses elementos somados às especificidades prediais, ao cuidado com as obras e às surpresas proporcionadas pela montagem das obras contemporâneas – muitas recentes doações que nunca foram exibidas anteriormente no MAC USP, faziam a equipe de montadores, conservadores e produtores “suar a camisa”.

De modo geral, as exposições que envolvem arte contemporânea são complexas porque não seguem “receitas tradicionais”. A concepção e o modo de montagem delas “teimam” em não se dar de “modo tradicional”, quer por seus objetivos, quer por seus materiais ou por suas condições ou, ainda, por uma infinidade de fatores. E os museus penam com esse fenômeno. Nesses casos, a descrição do processo de produção pode ser tomada como exemplo mas

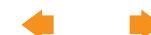
pode não suprir todas as exigências das diversas exposições com obras contemporâneas. Isto porque para cada modo de exibição das peças contemporâneas há uma demanda que pode ser variada – as equipes envolvidas na montagem precisam demonstrar flexibilidade e criatividade para atender todas as demandas.

Foi o que aconteceu com as demais exposições inauguradas a partir de 2013, na nova sede do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo: suportes em acrílicos foram confeccionados para a exibição frente e verso das obras; deslocamentos de obras sensíveis e importantes foram estrategicamente calculados; espelhos, laranjas, terra, tecidos, borrachas, tapumes, equipamentos de áudio e vídeo, slides e os materiais mais divergentes foram adquiridos para a montagem das obras. Tudo isso para que o público pudesse viver uma experiência plena em 17 exposições distribuídas em aproximadamente 25 mil m<sup>2</sup>.



Distribuição das exposições por andares – MAC USP Ibirapuera, 2014.

Capa  
Editorial  
Sumário





congresso  
internacional  
em artes  
novas tecnologias  
e comunicação

# CIANTEC'14

Para os que participaram desta aventura da arte contemporânea, quando a tênue luz da manhã invade o espaço expositivo, as obras se fazem presentes e o museu está prestes a abrir suas portas restam: as memórias dos bastidores, o cuidado com a manutenção das mostras e das obras e a satisfação de ter colocado o melhor de um acervo público em um grande e imenso “cubo branco”, que hoje é um espaço de significado cultural na cidade de São Paulo.

**Capa**  
**Editorial**  
**Sumário**